

UM ENSINAMENTO NOVO TRANSMITIDO COM AUTORIDADE

A ética pedagógica de Jesus

Francisco Orofino

Buscar a proposta pedagógica de uma pessoa é mergulhar na sua vida, no seu ambiente, nas suas relações, na sua fala e, principalmente, naquilo que ela oferece aos outros bem como na sua maneira de oferecer. Enfim, a pedagogia de uma pessoa revela a sua ética. Buscar a pedagogia de Jesus é, na verdade, buscar o caminho que ele propôs e a maneira como ele chamava as pessoas para trilhar este caminho. Mas também a maneira como ele mesmo trilhou o caminho que ele propunha às outras pessoas. Este estudo busca desvendar a proposta pedagógica de Jesus olhando, em primeiro lugar, para a pessoa dele mesmo. E, em segundo lugar, para o seu relacionamento com as outras pessoas, oferecendo-lhes uma proposta de vida e “vida em abundância” (Jo 10,10).

Antes porém de aprofundarmos a ética pedagógica de Jesus, seria bom darmos uma olhada para a prática pedagógica dentro da sociedade de sua época. Tal comparação é importante para entendermos melhor a prática pedagógica de Jesus. Na sociedade judaica, no primeiro século da Era Cristã, os rabinos eram os grandes educadores. Para exercer esta função de professor, o candidato deveria frequentar a escola dos Escribas em Jerusalém (Eclo 51,23). Durante seu tempo de preparação, os candidatos deviam apropriar-se de um conteúdo básico que incluía o estudo das Escrituras, das leis e da tradição dos Antigos (Eclo 39,1-11). Depois de formados, voltavam para suas aldeias e educavam as pessoas, convivendo e compartilhando com elas os afazeres cotidianos.

Na sua prática educacional, os rabinos ocupavam também os dois principais espaços da aldeia. O primeiro espaço era o culto semanal na sinagoga. Aqui a leitura da Escritura era feita em hebraico e a explicação para o povo era feita em aramaico. Esta interpretação visava dar ao povo elementos necessários para viver a fé e, ao mesmo tempo, resistir às forças desagregadoras da ocupação romana. Educar era, antes de tudo, preservar as tradições e não se deixar envolver pelas propostas do mundo greco-romano. O segundo espaço era a escola, que funcionava junto à sinagoga (cf. At 15,21). Aqui o rabino era realmente um professor. Na escola os meninos da aldeia aprendiam a ler e a escrever para que pudessem, aos treze anos, passar pelo rito de iniciação chamado de *Bar Mitzvah*. Neste dia o menino, lendo e interpretando uma passagem da Escritura diante de sua aldeia, demonstrava ter o discernimento necessário para tomar decisões. A partir deste dia era considerado um adulto. Portanto, a prática pedagógica dos rabinos visava a maturidade da pessoa para que ela pudesse ser um membro participante da vida social, tanto da aldeia quanto do país.

Ocupando estes dois espaços numa pequena aldeia, o escriba tornava-se uma referência forte e obrigatória, metendo-se na vida de todos, opinando e interferindo, mesmo quando não era chamado. Na verdade um rabino era a grande autoridade do lu-

gar. Ele podia entrar nas casas e vistoriar bens, comidas e roupas (Lv 14,33-56). Podia expulsar qualquer membro da comunidade que apresentasse algum sintoma de “lepra” e que poderia colocar em risco a vida das pessoas da comunidade (Lv 13,1-59). Sentado na cátedra da sinagoga (Mt 23,2), ele definia o rumo da vida das pessoas colocadas sob sua guarda. Tinha muito poder e sabia exercê-lo.

Jesus cresceu neste ambiente. Até os doze anos deve ter freqüentado a escola sinagoga, já que sabia ler (Lc 4,16) e escrever (Jo 8,6). Passou pelo ritual do *Bar Mitzvah* (Lc 2,41-46) e foi considerado adulto por sua comunidade. Este episódio relatado por Lucas não deixa de ser irônico, já que Jesus, tendo ainda doze anos, é considerado uma criança. O texto de Lucas quer insinuar que, mesmo sendo criança, Jesus já confunde os doutores. Depois deste episódio não sabemos mais nada sobre a formação intelectual de Jesus. Quando voltamos a ter notícias dele, vemos que Jesus vai participar do movimento profético liderado por João, o Batista (Mc 1,9). Desta forma ele completa sua formação. Estas suas decisões de vida, das quais não sabemos muita coisa, marcaram sua trajetória. Jesus faz sua opção pelo movimento popular de sua época.

Ao iniciar a sua “vida pública” Jesus percebe que, dentro da sociedade de seu tempo, uma grande multidão está sem rumo (Mc 3,7-8; Mt 9,36). Depois da morte de João, Jesus vai ao encontro desta multidão, mas sem fazer propriamente um trabalho de massa. Na verdade ele passa a se relacionar com pessoas bem concretas, fazendo-lhes uma proposta: “O tempo já se cumpriu. O Reino de Deus está próximo. Mudem de vida e acreditem neste Evangelho” (Mc 1,15). O que devemos aprofundar então é a maneira pedagógica de Jesus oferecer esta proposta muito simples ao povo de sua época. Esta maneira peculiar de oferecer sua proposta é que podemos chamar de “pedagogia” de Jesus. Alguns dados no entanto mostram que Jesus é um professor singular, já que não tinha a idade para fazer pregações públicas nem tinha freqüentado a Escola dos Escribas (Jo 7,15). O que ele trazia era sua bagagem de educador caseiro, formado nas coisas da vida, no tempo em que era um simples artesão vivendo com os seus na aldeia de Nazaré (Mc 6,3). Mas também o que aprendeu na convivência com os que participavam do movimento do Batista.

Educando através das opções de vida

Podemos dizer, a partir dos evangelhos, que o primeiro trabalho de Jesus foi cuidar de doentes (Mc 1,32). Os enfermos, por causa de sua doença considerada um castigo divino, eram afastados do convívio social, perambulando pelas ruas aguardando uma esmola. Ao voltar-se para os doentes, Jesus conscientemente assumiu um lado da sociedade de seu tempo. Assumiu conscientemente uma marginalização social, a ponto de já não poder entrar nas cidades (Mc 1,45). Com esta sua atitude, a pessoa mesmo de Jesus, lida a partir desta sua opção pastoral, é sua primeira proposta formativa. As pessoas ao seu redor passam a chamá-lo de *rabi*, palavra que significa *mestre* (Jo 1,38). Jesus não é um *professor* que ensina um saber acadêmico. Ele é um *mestre* que convive com seus seguidores e seguidoras. Podemos concluir que a vida pública de Jesus começa com seu trabalho educativo cuidando dos doentes, convivendo com os pobres e os marginaliza-

dos. Jesus sintetiza esta sua opção através de um ditado popular bastante óbvio: “Não são os sadios que necessitam de médico, mas os enfermos” (Mc 2,17).

Desta forma, Jesus adota um estilo de vida que revela sua pedagogia. Esta pedagogia é diferente da pedagogia dos escribas de sua época. No lugar de encerrar-se numa sinagoga ou numa escola e exercer o poder de um escriba, Jesus resolve romper este esquema e torna-se um pregador ambulante. Indo ao encontro das pessoas, estabelece com elas uma relação direta através da prática do acolhimento. Algumas pessoas começam a rever suas vidas e a encarar Jesus de uma maneira diferente. Ele não apenas ensina, mas apresenta sua prática como exemplo. Estas pessoas começam a *seguir* Jesus. Vemos então que a proposta pedagógica de Jesus é a do discipulado. Antes de propor ou expor um conteúdo básico doutrinário, Jesus propõe a estas pessoas um caminho. A resposta da pessoa é *seguir* Jesus neste caminho. Ele mesmo tem consciência de que seu exemplo de vida é pedagógico: “Vinde a mim todos os que estais cansados [...] tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim...” (Mt 11,28-30).

Olhando os evangelhos vemos que um grande número de pessoas, das mais diferentes origens e ocupações, começam a seguir Jesus. Primeiro aparece um grupo de pescadores. Pedro, André, Tiago e João são trabalhadores da pesca, provavelmente sem muita instrução, naturais de Betsaida, uma pequena aldeia da Galiléia (Mc 1,16-20). Desta mesma aldeia veio Filipe (Jo 1,44). Mateus é um publicano, um cobrador de impostos, um judeu que serve aos romanos (Mt 9,9). Ao lado dele encontramos Simão, o zelota (Mt 10,4). Um zelota era um guerrilheiro que combatia duramente a ocupação romana. E agora Mateus e Simão caminham juntos, lado a lado, unidos pela mesma opção. Como Jesus conseguiu esta proeza, não sabemos. Sinal de que fazia parte de sua pedagogia aceitar gente das mais extremadas posições sociais dentro de Israel. Sua proposta era de construir uma comunidade que traduzisse toda a diversidade da sociedade de seu tempo.

A pedagogia de Jesus supera as mais difíceis barreiras de gênero, de raça ou de classe. Ele acolhe e conversa com Nicodemos (Jo 3,1), que era um membro da alta classe judaica, com assento no Sinédrio. Logo adiante vemos que Jesus também acolhe e conversa com uma mulher samaritana (Jo 4,7). Com esta mulher, da qual não sabemos sequer o nome, Jesus consegue estabelecer um diálogo construtivo, superando uma das mais difíceis barreiras. Para a samaritana Jesus era um judeu (Jo 4,9), ou seja, um opressor dos samaritanos. O longo diálogo entre Jesus e a samaritana mostra o quanto Jesus estava aberto para a presença das mulheres em seu grupo, contrariando um grande número de rabinos que não aceitavam mulheres em seus grupos de estudo. Os próprios discípulos ficam surpresos com este diálogo de Jesus. Aceitar as mulheres em igualdade dentro do grupo não foi fácil para os discípulos (Lc 24,11).

A prática pedagógica de Jesus

Vimos que a palavra *seguir* era o termo que definia o sistema pedagógico de Jesus. Tal palavra indica um tipo especial de relacionamento entre Jesus, chamado de *mestre*, e os seus seguidores e seguidoras, chamados *discípulos* e *discípulas*. Este rela-

cionamento mestre-discípulo é muito diferente de um relacionamento professor-aluno. Seguindo o mestre, o discípulo deve aprender sabendo conviver com ele. Só entenderemos o método pedagógico de Jesus se entendermos sua prática formativa desenvolvida na convivência com as pessoas que o seguiam. Formando uma comunidade com seus discípulos, Jesus aponta como caminho pedagógico sua prática de ser um com eles. Vamos destacar alguns passos deste método:

a) *Uma pedagogia que parte da realidade*

Jesus convida as pessoas à reflexão a partir das coisas ou dos fatos mais corriqueiros. Salgar a comida (Mt 5,13), acender uma lâmpada (Mt 5,14), pescadores que puxam a rede (Mt 13,47), camponeses semeando (Mt 13,4), plantas que crescem (Mt 13,31), pastores trabalhando (Lc 15,4), uma galinha choca que protege seus pintainhos debaixo das asas (Mt 23,37), uma torre que cai sobre os operários (Lc 13,4), mulher fazendo pão (Lc 13,20), filhos que saem de casa (Lc 15,13), brigas familiares (Mc 3,25), juízes corruptos (Lc 18,2), trabalhadores desempregados (Mt 20,7), mendigos sentados nas portas (Lc 16,20), odres que se rompem (Mc 2,22), roupas remendadas (Mt 9,16), festa de casamento (Mt 22,2)... Qualquer situação humana é material suficiente para Jesus transmitir um ensinamento. Sua pedagogia parte da observação, da realidade, do cotidiano. Nada de decorar conteúdos ou raciocinar em cima de abstrações, mas sim analisar fatos e situações bem concretos. Partindo destas situações caseiras Jesus consegue se fazer entender por qualquer pessoa (Lc 10,21), permitindo que sua mensagem atinja a todos, sem discriminação.

b) *Uma pedagogia participativa*

Ao optar pelo ensinamento através de parábolas, Jesus adota uma pedagogia de participação do ouvinte. A palavra *parábola* vem do grego e significa “comparação”. Na verdade, parábola tenta traduzir o hebraico *mashal*. Um *mashal* é mais do que uma comparação. *Mashal* é uma sentença sapiencial, uma frase, um dito, um provérbio, enfim, o alicerce da Sabedoria que define o pensamento próprio do povo de Israel (cf. Sl 78,1-8). Ao adotar o *mashal* como instrumento pedagógico (Mc 4,33), Jesus está sendo fiel ao pensamento e à cultura de seu povo. Ao construir suas historietas, seus contos, seus “causos”, Jesus sabe que o *mashal* só se completa com a reação e a participação do ouvinte. Desta forma, vemos que Jesus faz sua opção por uma pedagogia participativa e de fácil acesso, sendo compreendido por todos.

Com as parábolas Jesus revela toda a sua pedagogia aberta e livre. Aos ouvintes ele faz uma proposta, exigindo de cada um uma tomada de posição diante do que ele está narrando (cf. Lc 10,29-37). Desta forma, não podemos pensar que uma parábola, lida isolada de seu contexto, contenha todo o ensinamento de Jesus. Ou que qualquer detalhe ou imagem de uma parábola tenha um significado específico. As parábolas devem ser entendidas no seu conjunto e na sua situação. Sua mensagem explicitando a realidade nova do Reino de Deus é captada a partir deste conjunto.

c) *Uma pedagogia libertadora*

Mas um detalhe é importante no uso das parábolas. O pensamento construído a partir do *mashal* busca mostrar uma lógica diferente. Ao analisarmos certos comportamentos dentro de uma parábola pensamos que eles são ilógicos. Na verdade, muitos comportamentos dentro de uma parábola são a-lógicos, ou seja, revelam uma lógica diferente daquela com a qual estamos acostumados a lidar no nosso dia-a-dia. A parábola chama a atenção para uma maneira diferente de enfrentar e resolver os problemas do cotidiano. É como se Jesus pedisse para que olhássemos para aquilo que está oculto nas coisas mais aparentes e banais. Desta forma, por trás dos gestos corriqueiros que ele toma para transmitir seus ensinamentos, Jesus tenta nos colocar diante do comportamento a-lógico de Deus. Ao narrar as parábolas, Jesus está tentando nos comunicar o Reino de Deus e a sua justiça. Ele quer deixar claro que as atitudes do Pai não podem ser, de maneira nenhuma, confundidas com as atitudes humanas. A justiça de Deus não pode ser confundida com a justiça construída dentro da lógica humana.

Hoje, mergulhados como estamos dentro de propostas pedagógicas construídas a partir dos princípios racionais da filosofia grega, o pensamento judaico expresso pelo *mashal* pode servir de importante instrumento para descobrirmos o profundo que se esconde nas situações ou coisas mais aparentes. Jesus vem nos alertar para aquilo que está oculto nas intenções ou nas situações mais evidentes. Ele nos convida para ir além do que é evidente e buscar o que está oculto. E o Pai, “que vê o que está oculto” (cf. Mt 6,4.6.18), nos recompensará.

Jesus propõe um caminho. No seu esforço de ser um com seus discípulos e discípulas, Jesus oferece a todos uma convivência. Nesta proposta ele não seleciona pessoas. Acolhe a todos e todas. Sabe conviver com todos, transmitindo e ensinando qualquer um que se proponha a ouvi-lo. Por outro lado, Jesus não trata a todos por igual. Ele sabe distinguir as pessoas com métodos particulares, conforme a situação peculiar de cada uma delas. Tanto Nicodemos quanto a samaritana receberam um ensinamento sobre o batismo. Mas o diálogo de Jesus com Nicodemos não é o mesmo que ele estabelece com a samaritana.

Uma pedagogia que gera maturidade e autonomia

Para Jesus, o verdadeiro processo pedagógico é aquele que permite à pessoa ficar de pé, sustentando-se em suas próprias pernas e com suas próprias forças. A prática de Jesus é permitir que os paralíticos possam andar sem a ajuda de ninguém (Mc 2,12), que os cegos possam ver com seus próprios olhos (Mc 10,51-52), que os surdos possam ouvir e os mudos possam proclamar (Mc 7,34), que os encurvados fiquem retos (Lc 13,13). A verdadeira pedagogia é aquela que permite ao ser humano conquistar a sua autonomia, participando ativamente da construção da sociedade humana como prefiguração do Reino de Deus.

Resumindo assim desta maneira a pedagogia de Jesus, podemos pensar que tudo é muito bonito e que, ao tocar nas pessoas fazendo seus milagres, Jesus está facilitando a vida de algumas pessoas privilegiadas. O evangelho de João nos ensina que os milagres

de Jesus na verdade são sinais pedagógicos e que eles pedem de nós uma reflexão para entendermos o que Jesus quer da pessoa humana que recebeu determinado sinal. A luta do cego de nascença para ser aceito em sua comunidade superando os preconceitos de parentes e vizinhos (cf. Jo 9,1-41) mostra que uma pessoa tocada por Jesus deverá lutar muito para viver dentro da autonomia conquistada no seu encontro com Jesus.

Não existe autonomia sem esforço, sem luta interior, sem idas e vindas, sem cabeçadas na vida. Jesus nos ensina tudo isto ao nos contar a parábola do filho perdido (Lc 15,11-32). Mergulhado na frustração, perdido em meio aos porcos, ao mau cheiro e à sujeira, o rapaz começa a refletir sobre os passos que ele tinha dado até então. Desta reflexão surge um primeiro gesto de maturidade, quando ele se reconhece como o único responsável pelo rumo que sua vida tinha tomado. Esta reflexão madura gera autonomia. O rapaz decide levantar-se, ficar de pé e dar um rumo definitivo à sua vida. Ele decide voltar, reconhecer a derrota e pedir emprego na casa de seu próprio pai. Afinal, ele mesmo admitia que não era mais possível ser acolhido como filho. Maturidade é assumir também as conseqüências de seus próprios atos.

O silêncio do pai e as decisões que ele toma diante do filho recém-chegado são a maneira de Jesus nos revelar o processo pedagógico do Pai. Neste processo, completamente a-lógico, deixar o filho sair na total liberdade e com o dinheiro necessário para a sua aventura é o caminho para a maturidade. O pai, querendo um filho adulto dentro de sua casa, abre o espaço necessário para que ele saia do espaço protegido da casa e enfrente a vida. Sair, amadurecer, dar cabeçadas, passar fome, buscar trabalho, enfim, descobrir, por ele mesmo, o rumo da vida. Segundo Jesus, tudo isso faz parte do processo pedagógico do Pai. Esta autonomia conquistada pelo filho que volta é celebrada pelo pai na festa, na música e no churrasco em que se consome o novilho cevado. A triste comparação feita na parábola entre o filho mais velho e o filho mais novo mostra que, para Jesus, mais vale ter um filho todo machucado pela vida, cheio de galos na cabeça, mas que tenha encontrado o seu caminho, do que ter um filho obediente e trabalhador, que nunca saiu de casa, mas que é invejoso e mentiroso. Em suma, um completo medíocre. Maturidade, autonomia, liberdade formam um único conjunto. Este é o grande resultado do processo pedagógico proposto por Jesus de Nazaré.

Francisco Orofino
Av. Mal. Castelo Branco 313/12
26525-120 Nilópolis, RJ